

Women in science: a contribution to the inequalities reversal with the “Meninas na Ciência – UFRJ” project

Mulheres na ciência: uma contribuição para reversão de desigualdades com o projeto “Meninas na Ciência – UFRJ”

Gabriella da Silva Mendes¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação, Ciências e Saúde do Instituto NUTES da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

gabiufrj1@gmail.com

Recebido: 27/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 12/12/2019

Abstract. *This paper aims to present a reflection about Women in Science, regarding the challenges, recognition and possibilities as a scientist. As a proposal to spread the role of women in science, we will present the page of scientific dissemination and history of sciences, in social networks: Girls in Science -UFRJ. In this way we aim to present and contribute as opportunities to meet women scientists who often remain invisible in society.*

Keywords: *women in science; social networks; scientific divulgation; popularization of science.*

Resumo. *Este trabalho objetiva-se a apresentar uma reflexão a respeito das Mulheres na Ciência, quanto aos desafios, reconhecimento e possibilidades, enquanto cientista. Como proposta de difundir o papel das mulheres na ciência, apresentaremos a página de divulgação científica e história das ciências, nas redes sociais: Meninas na Ciência -UFRJ. Visamos dessa forma apresentar e contribuir, como oportunidades de conhecer mulheres cientistas que muitas vezes permanecem invisibilizadas na sociedade.*

Palavras-Chaves: *mulheres na ciência; redes sociais; divulgação científica; popularização da ciência.*

1. Introdução

Este estudo visa entender a participação feminina na Universidade Federal do Rio de Janeiro, especificamente nos Institutos de Ciência, este artigo investiga a inserção e a participação das mulheres no campo da ciência moderna por meio da problematização de práticas sociais e discursos implicados na constituição das mulheres

cientistas. Com objetivo de dialogar com autores dos estudos feministas da ciência e tecnologia (VELHO, 1999; CABRAL 2006; TABAK, 2002), buscaremos entender como ocorreu a inserção, trajetória, ascensão das mulheres no campo científico no Pós-Segunda Guerra Mundial. No Brasil (INEP, 2015) e no mundo (OECD, 2017) as mulheres já são pelo menos metade dos ingressantes nas Universidades, no entanto ela ocorre de forma bastante diferente dependendo da área, nas ciências exatas, o percentual de mulher não passa de 30% (INEP, 2015). E esta não é uma característica brasileira - a média europeia e mundial é exatamente igual. No que se referem à pós-graduação (nível doutorado) os dados são espelho dessa etapa anterior na formação (CNPq, 2014) sem mencionar os cargos de chefias nos quais elas encontram ainda mais dificuldades de ascensão. O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), localizado no Instituto de Biofísica da UFRJ (BIOF/UFRJ) é reconhecido com lugar de memória (NORA, 1993), espaço de educação não formal (GHANEM, 2008), e de elevado potencial pedagógico (CHAGAS, 1999) e realiza uma série de projetos tanto relacionados à prática acadêmica quanto a extensão universitária. Sendo assim, em parceria com outros laboratórios do IBCCF, pensamos na possibilidade de abordar e problematizar as questões de gênero em ciência e tecnologia como possibilidade de formar novas gerações de cientistas conscientes de que a ciência pode ser produzida por todos e para todos, no esforço de estabelecimento de uma “ciência democrática” que permita a inserção e ascensão de todos em todas as esferas da produção científica inclusive no que se refere aos maiores cargos de coordenação e chefias de forma geral.

2. Estudos Feministas da Ciência e Tecnologia

O estudo e entendimento do processo histórico do campo dos estudos históricos e epistemológicos associados aos estudos feministas da ciência e tecnologia se faz fundamental para compreensão de muitos acontecimentos atuais e análise de dados quantitativos e qualitativos. As primeiras manifestações femininas por igualdade tiveram início em países desenvolvidos ainda no século XIX. Os primeiros movimentos ocorreram durante o século XIX até meados do século XX no Reino Unido e nos Estados Unidos, o foco original foi à luta por igualdade junto aos direitos contratuais e de propriedade frente à oposição de casamentos arranjados. No fim do século XIX, esse ativismo passou a se focar principalmente na conquista de poder político em especial ante o direito ao sufrágio por parte das mulheres bem como campanhas pelos direitos sexuais, reprodutivos e econômicos, esse momento denominou-se feminismo da primeira onda. O feminismo da segunda onda teve início nos anos sessenta até fins dos anos oitenta, e acima de tudo, um movimento político que visava à constituição de uma teoria feminista. Nesse contexto surgiu o Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS), movimento de contestação ao desenvolvimentismo e a dominação cultural vivenciada pelos países latino-americanos no Pós-Guerra. Nos anos seguintes uma série de estudos foram realizados no Brasil com objetivo de analisar a condição das mulheres na academia (VELHO, 1998), (LOPES, 1998, 2006) de modo a também contribuírem junto a construção da crítica feminista a C&T (TOSI, 1998).

Nesse momento, autoras refletiam sobre novas formas de pensar a ciência e novos sujeitos nesse caso, as mulheres, ganhavam cada vez mais espaço.

A estrutura de gênero definiu o homem como sujeito do conhecimento, e, portanto, as habilidades e características necessárias para produzir a ciência são as tidas como masculinas, das quais as mulheres são “naturalmente” desprovidas. A ciência dita universal é uma ciência masculina, branca, elitista, ocidental, burguesa, embora se pretenda neutra, livre de marcadores sociais, tais como gênero, etnia/raça, classe social, geração, etc. Assim, não por acaso, a crítica à ciência tem permanecido como um dos temas de discussão nas agendas feministas, que vem se ampliando e se complexificando desde a década de 70, quando a expressão “gênero e ciência” foram utilizadas pela primeira vez, em 1978, como título de um artigo de Evelyn Fox Keller, no qual ela discutia as relações entre subjetividade e o objetividade. (LOPES, 2006, p.58).

Tabak (2006) destaca que ainda persiste uma ideia de que a mulher “não gosta”, não tem “vocação” para a carreira científica, e ou de que não tem a mesma “capacidade” que o homem para o raciocínio abstrato, sendo difícil “conciliar” atividade científica com a responsabilidade familiar. Destaca-se que a existência da visão dicotômica que entende mulheres como Seres emotivos e homens como Seres racionais dificulta a inserção das mesmas nessas carreiras. A terceira onda do feminismo teve início na década de 1990, como uma resposta às “supostas falhas” da segunda onda que dava ênfase exacerbada nas experiências de mulheres brancas de classe média alta. Nesse momento percebemos a ascensão de uma nova ideologia de caráter pós-estruturalista do gênero e da sexualidade com ênfase na “micropolítica”.

Os novos sociólogos da ciência vêm argumentando há anos que não há nada no mundo científico que o diferencie das demais esferas da atividade humana. A ciência, como qualquer outra forma de conhecimento, é socialmente construída e incorpora os valores e práticas de seu contexto, incluindo aqueles que permeiam a relação entre gêneros. (VELHO, 2003 p.43).

Durante as primeiras décadas do século XXI, percebemos que novos sujeitos passaram a endossar as discussões do campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia no Brasil. O conceito de campo cunhado por Bourdieu (1983; 2004), pensa espaço de relações, jogo e lutas, autoridade, competência científicas, interesses, entre outras questões estão envolvidas. (VELHO, 2003; CABRAL, 2008; 2014; 2015; BITENCOUT, 2008; MINELLA, 2013) para entender a sociedade e educação de forma geral. Outro pressuposto teórico a ser investigado e que será tema norteador dos encontros com os professores, é chamado de “ameaça dos estereótipos”, desenvolvida inicialmente por Steele e Aronson (1995), tenta compreender como estereótipos aplicados a determinados grupos são capazes de influenciar o funcionamento intelectual e o desenvolvimento da identidade dos membros de tais grupos. Numa dimensão pragmática, a teoria busca entender como este processo pode dificultar o desempenho acadêmico, e, principalmente, o que pode ser feito para reverter o quadro de baixo desempenho de estudantes pertencentes a minorias raciais no domínio acadêmico e das mulheres nos domínios quantitativos. Sendo assim, nesse estudo tomamos a ciência e o gênero como construções sociais, culturais, históricas e discursivas em meio a relações de poder/saber (FOUCAULT, 2006). Nesse sentido, tomar o poder numa perspectiva foucaultiana pressupõem romper com oposições binárias, nesse caso entre dominantes e dominados. Perceber poder como uma relação de forças na qual os sujeitos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder além de sofrer sua ação e

possivelmente resistir a ele caso queiram ou necessitem. O entendimento da ciência como uma construção social e histórica através do poder nos remete a pensar sobre o que conhecer, como, por que e quais as formas de se produzir conhecimento. Além disso, entender a ciência como uma “grande narrativa” enfatiza o papel essencial da linguagem na produção dos discursos sobre a ciência, e sobre o que a mesma deve e pode fazer assim como os sujeitos que podem vir a fazer ciência de modo a articular poder e saber no campo da ciência moderna orientada pelos Estudos Feministas da Ciência e Estudos de Gênero como já descrito anteriormente.

3. O Instituto de Biofísica da UFRJ em números

Em uma análise inicial e preliminar, podemos observar que até o final de 2017 existia no IBCCF, um total de noventa e oito pesquisadores/docentes admitidos por meio de concurso público, desse número, a maioria dos pesquisadores é do sexo feminino: cinquenta e quatro mulheres e quarenta e quatro homens. No que se refere aos professores titulares, num total de vinte um docentes, onze são homens e dez são mulheres. Mas os dados que melhor definem as diferenças entre os gêneros podem ser entendidos quando analisados os cargos de chefia e coordenação, visto que dos dezesseis diretores que estiveram à frente do Instituto desde o ano de 1945, data da fundação do mesmo, apenas dois desses diretores foram do sexo feminino. No que se refere às chefias de laboratório, podemos perceber que os homens também se encontram em maior número, visto que do total de cinquenta e dois chefes de laboratório, vinte e oito são liderados por homens e vinte e quatro por mulheres. Já no que se refere à coordenação de programas de ensino, as mulheres são a maioria dos coordenadores, no total de quatro mulheres para três homens. Portanto podemos concluir depois de uma análise preliminar dos números que as mulheres apesar de serem a maioria de pesquisadores do IBCCF, apenas se apresentam como maioria quando relacionadas aos programas de ensino, uma área já reconhecida por atrair um grande número de mulheres. Até o momento esses foram os dados recolhidos, nos próximos meses iremos buscar outros Institutos da UFRJ para melhor entender toda a dinâmica e complexidade da atuação feminina em Institutos de Ciência com destaque também as áreas de Humanas e Exatas.

4. O projeto: Meninas na Ciência - UFRJ

O projeto Meninas na Ciência - UFRJ se insere no CATE (coordenação de atividades de extensão do IBCCF) e foi pensado no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) com o objetivo de atrair interessados e realizar um diálogo entre as ciências. Com o claro objetivo de preservar a história do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - IBCCF e a história da vida e da obra de seu fundador, Carlos Chagas Filho e outros pesquisadores reconhecidos como fundadores do IBCCF, o Espaço possui uma série de projetos de extensão: “Descobrimos a Biofísica”, “Espaço Memorial Carlos Chagas Filho: Divulgando a Ciência Brasileira” e “História da Ciência no Brasil: o capítulo do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho” e o “Meninas na Ciência - UFRJ, projeto no qual esse artigo se propõe apresentar. O Espaço Memorial Carlos

Chagas Filho é um “lugar de memória”¹, pesquisa e ensino contempla dois projetos de extensão que visam à integração da universidade com a sociedade, por meio da realização de atividades de divulgação científica. Reconhecido pela comunidade acadêmica como “Museu da Biofísica”, Espaço Memorial ou simplesmente Museu, esse espaço foi fundado no dia 20 de dezembro de 2000, mesmo ano da morte de Carlos Chagas Filho, após aprovação do projeto submetido pelo Professor Olaf Malm, diretor do Instituto na época e hoje coordenador de um dos projetos existentes no Espaço. É, portanto, um Museu de Ciências universitário inserido no principal *campus* da UFRJ e, por isso, responde e segue o calendário proposto por essa Instituição. Como já foi descrito anteriormente, segundo afirmou Chagas (2002), esse espaço é híbrido, pois contempla várias temáticas e é reconhecido de várias maneiras. É comumente reconhecido pela maioria das pessoas como Espaço Memorial, nome pelo qual foi registrado na UFRJ, e como Museu de Ciências, principalmente pelo fato de se localizar no Instituto de Biofísica no Centro de Ciências da Saúde e realizar, na maior parte do tempo dispensado à visitação, práticas de Física, Química e Biologia.

O projeto em questão recebe os professores e ou alunos do Ensino Médio, formação de professores ou licenciaturas no interior do espaço do EMCCF para realização de uma visitação a exposição com destaque às mulheres construtoras do Instituto de Biofísica. Inspirado no primeiro volume do livro “Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho” (SOUZA, 2013) a exposição temporária presente no subsolo EMCCF, visa iniciar uma reflexão acerca do número de homens e mulheres considerados e reconhecidos como construtores do IBCCF. Dos trinta e seis pesquisadores em destaque nos dois volumes do livro, apenas seis são mulheres, duas delas ainda atuantes no IBCCF e sujeitos de nossa pesquisa visto que são parte do nosso projeto Memória realizado pela nossa equipe através da metodologia da História Oral. O projeto foi pensado a partir de estudos e números que mostram que as mulheres ou não se interessam ou se afastam das Ciências em especial das ciências exatas por conta de uma possível “ameaça pelo estereótipo” existente nas universidades, escolas e na nossa sociedade de forma geral. Os participantes do projeto são convidados a uma reflexão a começar pela visita a exposição seguida da participação em atividades práticas e teóricas que abordam formas de perceber e contornar possíveis ameaças pelo estereótipo advindas de diversos discursos em diferentes espaços sociais. Através do debate e diálogo entre e com os visitantes é possível pensar novas formas de agir e atuar tanto nos espaços de debates como extra-muros da universidade.

A página de divulgação nas redes sociais: Meninas na Ciência - UFRJ, surge a partir do Projeto, com o objetivo de apresentar artigos, notícias, divulgar e criar eventos, formas acadêmicas artísticas, científicas, e todo e qualquer meio de expressão que mostrem dados atualizados, que ofereçam um breve panorama do cenário mundial da ciência e como as mulheres estão inseridas nesse meio.

¹ Esse conceito foi cunhado por Nora (1993). Segundo ele, os lugares de memória se constituem à medida que essa memória acaba por ser conduzida pela história. Um lugar de memória só é, de fato, constituído em um determinado momento, quando o homem não mais se julga capaz de habitar sua memória.

Tendo em vista os mencionados dados, já no início do Projeto de extensão universitária em 2018, a página “Meninas na Ciência-UFRJ”, que visa problematizar as influências da “ameaça do estereótipo” (Steele; Aronson, 1995) na formação pessoal e profissional de crianças e jovens, além de promover a divulgação e popularização da ciência para todos os níveis, recebeu mais de 100 curtidas já no primeiro mês de divulgação, 266 seguidores, 3225 pessoas alcançadas por compartilhamentos de informações por semana, e 52 visualizações de vídeos publicados.

5. Considerações Finais

Esse estudo, portanto, é parte do projeto que visa articular diversos campos de estudos para reflexão de uma realidade cada vez mais vivenciada por nós dentro e fora da universidade. Entender as razões que afastam e atraem as mulheres para o campo da ciência moderna por meio da análise de dados quantitativos e qualitativos nos permitem pensar estratégias e ações que transformem a sociedade. A análise de dados de diversos Institutos, as entrevistas realizadas por meio da metodologia da História Oral e a reflexão junto aos professores da educação básica e ou em formação nos auxiliarão na constituição de cursos e oficinas que atendam toda a comunidade universitária e a escola básica. O diálogo entre universidade-escola permitirá que a atuação dos pesquisadores responsáveis pelo projeto pensem em conjunto com os professores e alunos das escolas envolvidas, ações efetivas que transformem não somente a universidade, mas a sociedade, por meio de práticas sociais e diálogos cada vez mais conscientes principalmente no que tange ao debate da temática de gênero e raça e a possibilidade de desconstrução de estereótipos que de alguma forma impactem na falta de igualdade e oportunidades para todos.

Acreditamos no potencial de crescimento do Projeto, assim como o principal meio de divulgação e popularização de nossas informações na página, que com o auxílio da parceria com o Museu EMCCF/IBCCF-UFRJ, a equipe recebe mensalmente grupos de professores, pais e alunos que se interessem por essa abordagem, e desta forma, poderemos permitir que todos tenham igualdade de acesso às todas as esferas da produção científica.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ARONSON, J. Stereotypes threat and the intellectual test performance. of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 797-811, 1995.

ALMEIDA, Darcy Fontoura de. A contribuição de Carlos Chagas Filho para a institucionalização da pesquisa científica na universidade brasileira. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.2. abr.-jun.(pp.653-668).

AZEVEDO, Nara; CORTES, Bianca Antunes; FERREIRA, Luiz Otávio; SÁ, Magali Romero. Gênero e ciência: a carreira científica de Aída Hassón-Voloch. **Cad. Pagu** n°. 23 Campinas July/Dec. 2004. (pp.1-33).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BARRETO A. A Mulher no Ensino Superior Distribuição e Representatividade. **Cadernos do Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil**, n. 6, jul./dez. ISSN 2317,2014.

BITENCOURT, Silvana Maria. Gênero e Ciência: relevância e contemplação da temática no cenário brasileiro. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Anais Eletrônicos,

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Séries históricas até 2012: quantitativos de bolsas por sexo**. Brasília, 2012.

BOURDIEU, Pierre. In: Ortiz, Renato (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo, Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência, Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, Unesp. 2004.

CABRAL, Carla Giovana. **O conhecimento dialogicamente situado: valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. O conhecimento dialogicamente situado. **Cadernos Pagu**, n° 27, 2008.

_____. **Mapeamento de Publicações do Campo Interdisciplinar dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia**. Projeto de pesquisa. Pandora: Grupo de Pesquisa Democracia e Gênero em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

_____. **Ciência, tecnologia, mídia e igualdade de gênero: estratégias de comunicação científica**. Introdução aos Estudos CTS. Natal: EDUFRN, 2014.

_____. Os estudos feministas da ciência e da tecnologia no Brasil: reflexões sobre estilos e coletivos de pensamento. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 20, p. 76-91, ago./dez. 2015. DOI: 10.15668/1807-8214/artemis. v.20, n.2, pp.76-91.

CHAGAS, M. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13).

_____. Museu de ciência, assim é se lhe parece. In: KOPTCKE, L. S.; VALENTE, M. E. A. (Orgs.). **Caderno do Museu da Vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu 2001/2002**. Rio de Janeiro: Museu da Vida; Fiocruz, 2002.

Depoimento Carlos Chagas Filho. Disponível em <http://www.biof.ufrj.br/pt-br/depoimento>. Acessado em 14/07/2018 às 13h40min.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GANHEM, E; TRILLA, J. **Educação formal e não formal (pontos e contrapontos).** São Paulo: Editora Summus, 2008.

Glossário Lattes. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario>. Acessado em 11/10/2018 às 11h00min.

INEP/MEC. **Dados sobre o Censo da Educação Superior.** Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: jan. 2018.

KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 13-34, jul./dez. 2006.

LOPES, Maria Margaret. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 10, p. 345-368. 1998.

_____. Gênero e ciências no país: exceções à regra. **Com Ciência: Mulheres na Ciência.** 2003. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2011.

_____. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 27, p. 35-61, jul./dez. 2006.

LIMA, Betina Stefanello. Violência de Gênero nas Ciências. Florianópolis: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, 25 a 28 de Agosto de 2008.

MINELLA, Luzinete Simões. (2013). Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna? **Cad. Pagu**, Campinas, n. 40. 2013.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORA, P. (Org.). **Ensaio de Ego-História.** Lisboa: Edições 70, 1989. Rio de Janeiro, UFRJ, 2012. 156 F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOIHET, Rachel. Contando a História dos feminismos. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Oral e História da Mulheres- Rompendo Silenciamento.** São Paulo: Letra e voz, 2017.

SOUZA, Wanderley. **Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho**. Rio de Janeiro: Corbã editora Artes Gráficas, 2013.

STEELE, C. A threat in the air: how stereotypes shape intellectual identity and performance. **American Psychologist**, v. 52, n. 6, p. 613-629, 1997.

STEELE; ARONSON, Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans – Fase II. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1995.

TABAK, Fanny. **Autoritarismo e participação política da mulher**, Rio de Janeiro, Graal, 1983.

_____. **A mulher brasileira no Congresso Nacional**, Brasília, Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação/Coordenação de Publicações, 1989.

_____. **O laboratório de pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 39-49.

_____. **Mulheres e ciência: uma história necessária**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

TOSI, Lucía. Mulher e Ciência. A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. In **Cadernos Pagu: gênero, tecnologia e ciência**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Unicamp, 1998.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres, **Cadernos Pagu**, Vol. 10, pp. 309-344. 1998.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas (3a ed.)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. Londrina: IAPAR, 2006. p. xiii-xviii.

_____. A construção social da produção científica por mulheres. In **Cadernos Pagu: gênero, tecnologia e ciência**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Unicamp, 1998.